

## **O FRACASSO DOS DEUSES**

**Walter Paulo Sabella\***

(Esta crônica é por Kim Phuc, Kong Nyong, Aylan Kurdi  
e por todas as crianças vítimas do fracasso dos deuses) \*\*

Refugiado na quietude noturna do escritório, meus olhos se detêm no site do New York Times, em que se estampa extensa matéria sobre a crise humanitária que assola o Sudão do Sul, o mais jovem país africano, Estado independente desde 2011, após décadas de morticínio sem fim.

Um terço da população sul-sudanesa, estimada em treze milhões de almas, deixou suas casas, ou tendas, rumo aos países confinantes, principalmente Uganda e Etiópia, tentando escapar aos conflitos armados, à fome, aos abusos sexuais. Buscam fugir à morte, em suma. Mulheres e crianças constituem oitenta por cento dessa massa humana em movimento.

Concentro-me nas fotos que ilustram a matéria. Corpos esqueléticos marcham vergados ao peso de poucos trastes cobertos de poeira. Colchões e trapos enrolados sobre os

ombros, encardidos galões plásticos para captar água ao longo da jornada. Esperança e medo.

As imagens me transportam no tempo e no espaço, a outras fotografias que ficaram cravadas nas retinas dos homens. E os que as viram morrerão com elas, imantadas em suas consciências, como estigmas reveladores da espécie pensante que respira no mundo.

Na tentativa de ordenação temporal dessas imagens, retrocedo no calendário sombrio da história até 8 de junho de 1972, e vejo Kim Phuc, nove anos de idade, completamente nua, correndo, aos gritos, em meio a outros desesperados, com o corpo calcinado, sob a chuva de napalm, que varre o vilarejo de Trang Bang, no sul do Vietnã. Em sua fuga da morte, enquanto repete “Muito quente, muito quente!”, é colhida pela câmera do fotógrafo Huynh Cong ‘Nick’ Ut, da Associated Press. “A Menina do Napalm”, que valeu um Pulitzer a Nick Ut, correu o planeta e, segundo muitos, gerou tal comoção mundial que contribuiu para o fim da guerra. O subscritor desta crônica, profissional do radiojornalismo, então muito jovem e já imerso no mundo de agonias do noticiário internacional, dava resenhas diárias do conflito no sudeste asiático. No dia em que Trang Bang viveu seu martírio, o jovem noticiarista deixou os estúdios da emissora de rádio sem saber, ainda, que falara de um episódio no qual se plasmaria um dos símbolos do século que chafurdou no sangue de milhões de seres. Dias depois, a imagem de um frágil corpo de criança, desnudo sob o ácido das bombas, e assim eternizado pela câmera de Nick Ut, começou a circular pelos continentes.

Da nascente década de setenta, avanço pouco mais de vinte anos, deixo o sudeste da Ásia e retorno ao sul do

Sudão, ainda não dividido, aportando numa região em que se instala um UN Feeding Station, ou um Posto de Alimentação das Nações Unidas, junto ao qual se vê uma longa fila de criaturas macilentas, pés descalços, vestidas de andrajos, portando vasilhas de todos os tipos. É a fila da fome. Kevin Carter, fotógrafo freelancer sul-africano, está ali porque também tem fome, outro tipo de fome. É um dia de março de 1993. Kevin perambula pelas cercanias. Defronta-se com uma criança sudanesa, nua, prostrada, praticamente exânime, emborcada sobre o próprio corpo, com a testa colada ao chão. Atrás, a alguns metros, à espreita, um abutre, como que à espera da morte da criança que, depois, soube-se, tinha por nome Kong Nyong. Sua câmera pôs ambas as criaturas no centro do foco. À parte as agudas polêmicas geradas, à época, pelo conjunto da cena, a imagem se tornou o símbolo da fome na África. Carter levou o Pulitzer, depois se matou.

A história não é sucinta como a contei. Greg Marinovich e João Silva, amigos de Carter, e Ken Oosterbroeke, com o sul-africano formavam o Bang Bang Club, nome do livro biográfico que os dois primeiros escreveram depois, base do roteiro de Steven Silver, que também dirigiu o filme do mesmo nome.

Prossigo no tempo, cerca de outros vinte anos, e também no espaço, chegando, então, às costas da Turquia, numa praia do balneário de Bodrum. É 2 de setembro de 2015. De borco, ou, como dizem os laudos periciais, em decúbito ventral, devolvido pelas águas do mar às areias da praia, o corpinho de Aylan Kurdi, três anos de idade, short azul-escuro, camiseta vermelha. O sal das ondas, o sal dos homens, fustigando seu rostinho sem vida. A família vinha da Síria, tentava sobreviver ao extermínio que lá tem curso.

A mãe e o irmão pereceram no naufrágio, o pai salvou-se. A câmera da fotojornalista turca Nilüfer Demir atirou contra nossas retinas fatigadas das misérias do mundo a imagem do pequeno Aylan. A fotografia não lhe rendeu um Pulitzer, pois o mundo consegue produzir tal número de infortúnios pungentes que as comissões julgadoras se aparvalham nas escolhas. Garantiu-lhe, contudo, o Prêmio de Foto do Ano da Associação Turca de Fotojornalismo.

A despeito da crueza que reveste a cena trágica, a fotografia de Nilüfer faz ecoar o grito de angústia e dor dos que não conseguem respirar em sua própria terra. A infinita desgraça de não ter um chão para viver em paz foi cunhada, em linguagem jornalística, na concisa expressão ‘crise migratória’, como se tais signos linguísticos, ligados um ao outro, tivessem o condão de comportar desdita assim colossal com seu séquito interminável de dores e horrores.

Três momentos distintos do tempo, separados o primeiro do último por mais de quarenta anos, ainda que os tenha narrado todos no presente, pois seguem comigo, estão em mim. Três locais do planeta. Três fotografias. Três prêmios para seus autores. Três tragédias individuais, mas também coletivas, que são, ao cabo das contas, a mesma e única, a tragédia humana, com suas incontáveis faces. Por paradoxal e terrível que possa ser, no mundo que construímos, usamos premiar a reprodução visual da dor. E por mais atônitos que a afirmativa nos deixe, essa reprodução, por vezes, é arte, e, de algum modo, nos conclama a sermos melhores.

Três crianças. O número três tem, segundo os que creem, grande carga cabalística, que pouco importa nesta crônica. Fiquemos com as três crianças. Poderiam ser

milhares, e são. Poderiam ser milhões, e são. Mas fiquemos com Kim Phu, Kong Nyong e Aylan Kurdi. Seu silêncio definitivo grita, aos nossos ouvidos, pelas vozes emudecidas de todas as crianças, de todas as terras, de todas as gerações.

Por que as crianças? Não existem deuses que as protejam? Afinal, os homens criaram deuses para tudo, para as artes, para o amor, para a agricultura. E os cultuam, sempre os cultuaram, malgrado nalgumas dessas divindades possam ser encontradas, segundo as lendas, mais variadas deformações de caráter que nos próprios homens, pois ostentam traições umas às outras, conspirações despudoradas, feitura de armadilhas para desafetos, relações promíscuas, incestuosas, permissivas, com humanos e, até mesmo, com criaturas não humanas, gerando não só semideuses e heróis, mas formas zoomórficas de vida e aberrações de todo tipo, conforme nos relata o exuberante imaginário das eras mitológicas. O politeísmo primitivo é qualquer coisa assombrosa.

Na verdade, a mitologia não nos sonegou um deus protetor da infância e das crianças. Com efeito, deu-nos um, de nome Harpócrates, ou Hórus para os egípcios, filho de Ísis e de Osíris, não obstante se mostre absolutamente discutível sua competência para o cumprimento de tarefa tão nobre e essencial, porquanto o perecimento da infância acarreta, necessariamente, o desaparecimento do amanhã. Difícil defendê-lo da pecha de relapso, desidioso, negligente. Inútil esperar dele alguma atitude protetiva em favor da infância. Aliás, tendo sido concebido pelos homens, como tudo que pertence ao mitológico, e sendo os homens o que são, qualquer espera será frustrante.

Parece lícito concluir que os únicos deuses realmente competentes no cumprimento de suas precípuas missões são os da guerra. Ah! Realmente! Esses jamais falharam. Ares (para os gregos), Marte (para os romanos) e Montu (para os egípcios). Talvez sejam uma só divindade, com nomes diversos, segundo alguns entendidos. Mas, por coerência com a alusão cabalística antes feita, imaginemos que sejam três. Estes, em todas as épocas, em todas as terras, jamais tiveram períodos prolongados de descanso, promovendo matanças de arrepiar até mesmo a lúgubre e metafísica figura armada de foice, concepção semiótica do perecimento físico, ou, no vocábulo que os homens abominam e temem, a morte.

Enquanto Harpócrates não conseguiu, ao longo de sua gloriosa e divina existência, edificar uma mísera creche, ou um único berçário que fosse, Ares, Marte e Montu já se viravam com catapultas, azeite fervente, bordunas e tacapes. Sempre criativos, não deixaram faltar guerras mesmo antes da descoberta da pólvora pelos chineses no século IX, cujos alquimistas, em busca do elixir da longa vida, chegaram ao pó negro incendiário e explosivo, por acaso; ou seja, ao invés do caminho para alongar a vida, conseguiram o atalho para abreviá-la. As operosas divindades, sempre atribuladas com as questões bélicas, agradeceram comovidas aos alquimistas trapalhões.

Depois da pólvora, sua inventividade rasgou todos os limites imagináveis. Construíram engenhos de causar surtos de inveja aos outros deuses. Seus poderes os levaram, inclusive, à criação de uma espécie de energia que, podendo iluminar as noites e devassar as trevas, destinaram-na, na verdade, a torrar e calcinar qualquer coisa, especialmente tudo que respira. Deram um nome a essa coisa, pois os

deuses podem tudo, inclusive dar nome às coisas, e, assim, ficou conhecida a expressão ‘efeitos radioativos’, coisa demoníaca, para dizer a verdade.

No Olimpo moderno, tanques, canhões e outras geringonças que causam combustão com utilização de pólvora, pertencem a um tempo primevo, em que Vulcano ainda não houvera dado origem a uma famosa marca de sapatos. No Olimpo pós-moderno, as divindades respeitosamente referidas enriquecem urânio, plutônio e outros elementos fissionáveis, e nem é bom pensar no que podem causar. Esses deuses, para usar uma expressão apreciada pelos mais jovens, e que os gringos chamam de ‘slang’, esses, repito, ‘causam’ mesmo, no duro.

Em tempo, para não cometer injustiça e menoscabo contra o poder criativo desses deuses, sejam lembradas as armas químicas e biológicas, as primeiras à base de agentes organofosforados e, as segundas, de microorganismos e toxinas, tudo de uma letalidade espantosa. Por isso mesmo, tais armas, conforme o apurado senso ético dos deuses Ares, Marte e Montu pertencem ao censurável mundo da chamada guerra não convencional. De fato, essas divindades só admitem as guerras convencionais, que ninguém é de ferro para tolerar ocorrências que extrapolem das convenções. Afinal, convenção é convenção, e deve ser respeitada, custe o que custar.

Para que não sobrevenham imputações de excessivo sarcasmo ou impiedosa mordacidade, melhor retomar o tom comedido e sério em que fluía a crônica nas suas primeiras linhas. E aí, como ficamos? Está visto que os deuses da guerra são o que a mitologia produziu de melhor em matéria de competência, dedicação e eficácia, enquanto Harpócrates,

a quem foram confiadas as crianças, derrapou, desde o início, para as ribanceiras do malogro.

Resignação, apenas, será o que resta? Entrar na vida será o mesmo que se deu com Dante, ao se ver às portas do Inferno e atentar para o letreiro escuro, concitando ao desespero? ‘Lasciate ogni speranza, o voi che entrate!’ (Canto III, Cântico I, Divina Comédia). Na tradução de José Pedro Xavier Monteiro, em tercetos rimados, como no texto original: “Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança”.

Ou será bastante um apelo ao futuro, como o fez Brecht, no poema “Aos que vão nascer”: -‘Mas vocês, quando chegar o momento/Do homem ser parceiro do homem/Pensem em nós/Com indulgência’. Ou, ainda, como o fez o poeta mexicano Jaime Labastida, em seu livro “Animal de Silêncios”, ao fechar o poema ‘Genealogia Terrestre’, suplicando perdão ao porvir, pela ferocidade humana: ‘Que perdonen los siglos nuestra fiereza’. Não foram diferentes os versos finais de meu poema ‘Boas-vindas’, dedicado aos que chegam, dependurados nos bicos traiçoeiros das cegonhas, nesta bola azul que gira no infinito, publicado há dez anos: -‘Cheguei antes de ti/devia preparar-te a estrada/Por isso me justifico e espero/sejas compassivo/Não pude fazer melhor/O mundo que me acolheu/é o mesmo que te recebe/.

A poesia não nos redime, conquanto mascare os horrores de nossas escolhas. Da arte vem o deleite, mas não resulta a redenção. A literatura, a despeito de grandiosa, não limpa os pecados, não sepulta os crimes, não reconstrói as consciências em escombros.

E desde que muito falamos de deuses, tem cabimento um registro derradeiro, pois de crônica este escrito vai se

transmutando em ensaio. Costuma-se atribuir ao Cristo a sentença “Vós sois deuses, se o quiserdes podereis fazer o que eu faço e muito mais”. Trata-se, no entanto, de uma justaposição de passagens distintas. A primeira teve lugar num encontro entre o Cristo e fariseus que o indagaram sobre ser Ele mesmo o Anunciado nos textos antigos, ao que o Mestre redarguiu citando parte do Salmo de Asafe: -“Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses?” (João, 10:34, Salmos, 82:6). A segunda, contida em João, 14:12, enuncia-se: -‘Aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará’.

Na agregação dos trechos evangélicos (parataxe livremente construída pela cristandade), imanta-se, contudo, o sentido de que, como consciências dotadas de livre-arbítrio, perfectíveis, destinadas à ascensão espiritual nas rotas evolutivas, o poder de transformação do mundo repousa em nossas mãos.

Inútil pronunciar libelos contra Ares, Marte, Montu, Harpócrates ou outras divindades paridas pela mentira dos homens. Os deuses somos nós.

**\*O autor é procurador de Justiça, com licenciatura plena em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atuou no radiojornalismo e na imprensa escrita. É membro da Academia Brasileira de Direito Criminal.**

**\*\*Tanto a alternância de foco narrativo ao longo do texto como a extensão inusual para o gênero literário de que se trata não resultam de inadvertência. A primeira é fruto de opção estilística e a segunda se mostrou inevitável.**

